

MAISON DU BRÉSIL: COTIDIANO, MEMÓRIAS E IDENTIDADES DE UM TERRITÓRIO BRASILEIRO EM PARIS

Ceres Karam **Brum**¹

Por uma Antropologia da *Maison du Brésil*

Ao longo da história da Antropologia como disciplina há um conjunto de trabalhos que remetem à casa. Tais estudos abordam as particularidades do habitar a casa em seus aspectos de universalidade como lugar de repouso, produção de alimentos, relações parentais, etc. Neste sentido, as casas, de pontos de vistas etnográficos e antropológicos são percebidas como pedra de toque das particularidades culturais das experiências de sociabilidade, intimidade e educação, dos grupos. Segundo Ruegg (2011: 26) a representação e o imaginário que inspira a casa, ou ainda, os papéis que se lhe atribuem permitem reconstruir a sociologia, a história das idéias e a cosmologia das diversas concepções de habitar e do habitat. É neste sentido que a antropologia da casa se conecta a percepção do espaço da *Maison du Brésil*, em sua utilização simbólica que a destaca como um território brasileiro em Paris.

Ortiz (2000) relaciona a constituição do território com a capacidade de manipulação simbólica do grupo em termos de delimitação espacial. Para ele: “um grupo é um território capaz de delimitar suas próprias fronteiras.” (Ortiz: 2000: 62). Esta capacidade de formatação espacial remete a um universo partilhado de códigos que permite articular espaço e valores traduzidos em desejos demarcatórios definidores das identidades do grupo, para forjar um território. A noção transmuta e inverte a perspectiva de uma espacialidade in natura como definidora do simbólico, atribuindo ao grupo um poder de edificação, de produção de fronteiras. Por outro lado, esta autonomia se cinge a algum tipo de referência igualmente espacial, embora menos fixa, mas que pode, por exemplo, estar presente, enquanto referente, no imaginário de pessoas em circulação permitindo recriações de seu universo de origem e que, por sua vez, nos remete à temática de desterritorialização de identidades.

A proposta de Ortiz é significativa para refletirmos sobre a *Maison du Brésil* e a Cité Internationale Universitaire de Paris, pois permite compreender o processo histórico iniciado na década de 1920 e que se articula com sua configuração contemporânea ao oportunizar a constituição de uma dada espacialidade com a

¹ Universidade Federal de Santa Maria, Brasil.

dinâmica dos interesses dos grupos a ela relacionados. Neste caso, a política educacional francesa e os sujeitos que atuaram na estruturação da CIUP, seus dirigentes, os estados nacionais que investiram na construção e manutenção de residências estudantis e, principalmente os estudantes e pesquisadores que lá habitaram ao longo de sua história.

A *Maison du Brésil* é um lugar de habitação temporária que passa a se constituir, pela atuação dos diversos sujeitos que a frequentam em um território limítrofe de produção cultural. Estas territorializações ocorrem de formas tão variadas quanto a disposição dos móveis nos quartos dos residentes, na organização das cozinhas coletivas em cada um dos 5 andares da casa, no uso de imagens que remetem aos familiares e amigos deixados no Brasil, às referências a *Maison du Brésil* como “o favelão de Paris”, “um bunker” ou como “a terra do nunca” e a própria significação da relação espacial da casa na CIUP, em relação à história da colonização europeia. Um exemplo desta territorialização do espaço aparece no próprio site da *Maison du Brésil*², que se configura em vitrine da casa para futuros residentes e visitantes.

O site efetua sua descrição em relação à CIUP e sua caracterização como uma casa nacional o que corresponde a demarcação de uma ideia de território brasileiro em Paris, caracterizado pela atuação e empenho do estado em sua construção e cuidados de manutenção. A breve descrição de aspectos de sua história, estrutura habitacional, habitantes ilustres, inscrição no patrimônio por sua relevância arquitetônica modernista corroboram para argumentar e justificar a idealidade de um conjunto de características nacionais brasileiras a serem mostradas e cuidadas no exterior, com o objetivo de abrigar os pesquisadores que vem para a França receber uma formação cosmopolita.

A composição desta caracterização da *Maison du Brésil* encontra respaldo no contexto espacial que a abriga. Logo a seguir o site apresenta uma descrição da CIUP, como um território internacional que abriga as casas nacionais e se constitui em um espaço adequado para o convívio das elites intelectuais internacionais em circulação na França e sua interlocução.

² Fonte: <http://www.maisondubresil.org/Residence/maisoncite.php>. Consultado em 23 de julho de 2010

Cité Internationale Universitaire de Paris

A criação da CIUP ocorreu em 29 de junho de 1921 (Anuaire, 2004: 20). Sua concepção se comunica com a dupla perspectiva da celebração do nacional e da “abertura para o exterior”, no período entre guerras. A gênese da CIUP se deu na interpretação de Lemoine (1990: 21) em 1920 graças ao encontro entre o reitor da Universidade de Paris Paul Appel e o industrial Émile Deutsch de la Meurtre que se propôs a financiar uma residência para alojar 350 estudantes. André Honorat, então ministro da instrução pública da França direcionou esta possibilidade de doação a criação do que seria futuramente a *Cité Internationale Universitaire* de Paris. A inauguração da primeira residência, a Fundação Louise e Émile Deutsch de la Meurtre, ocorreu em 1925 após a superação de um conjunto de obstáculos administrativos que englobaram a demolição de parte da Fortificação de Paris nas imediações da Porte de Gentilly e da Porte de Orléans e a evacuação dos antigos habitantes (desabrigados e refugiados) que viviam em carretas e cabanas improvisadas da região.

Tal como as Exposições Internacionais (Thiesse, 2000: 196-198) que possuíam objetivos civilizatórios e territoriais, através de exposições identitárias dotadas de uma pedagogia da pertença ao exibir miniaturas das nações em sua diversidade, a CIUP que se inscreve em um projeto modernista e internacionalista também ligado à celebração do nacional. Vale assinalar que se situa entre o centro de Paris e o *banlieue no quatorzième arrondissement*. Um território fronteiro e de enclave.

A CIUP também encarna a dimensão “civilizatória”, de atração, alargamento e melhoria das condições de moradia para estudantes estrangeiros em Paris, como demonstra Karady (2002: 56), ao relacionar a dimensão mítica da magia exercida por Paris como capital intelectual da Europa, com a constituição de produtos para consumo cultural como as universidades e academias, inexistente em outros lugares. Para ele (Karady, 2002: 59) a CIUP se inscreve em um dos esforços políticos do estado francês (com fundos de diversos países), objetivando favorecer da vinda de estudantes estrangeiros para Paris.

O contexto de sua concepção é o período entre guerras que, segundo Hobsbawm (1995: 21), além de uma crise nas democracias europeias é perpassado por uma forte influência socialista. Do ponto de vista das artes e da educação: “qualquer que fosse a bagagem local do modernismo, entre as guerras ele se tornou o emblema dos que

queriam provar que eram cultos e atualizados” (Hobsbawm 1995: 183).³ Este período também se caracteriza pela busca do pacifismo com a criação da Sociedade das Nações (1919). Neste sentido, a CIUP objetiva, materializar um território ideológico para a criação de uma “sociedade de estudantes de todas as nações”, propiciando a aproximação das elites internacionais que, ao retornarem aos seus países de origem se tornariam também verdadeiros “Cavaleiros a Serviço da Paz”.

O projeto da CIUP extrapola duplamente a criação de alojamentos e a formação universitária francesa. Ele atinge uma perspectiva educacional ampla em prol da manutenção da paz mundial, com a exigência de formatação de mentalidade moderna do entre-guerras. A pedagogia do sentimento de pertença visa compatibilizar exibições identitárias da França e dos diferentes países que constroem suas casas na CIUP, o aprendizado da nação francesa e os ideais universalistas pacifistas do período de sua criação.

Atualmente este aprendizado pode ser percebido na arquitetura das casas, nos espaços coletivos, em suas normas e atividades culturais que estão em interlocução com as nações e regiões que lá possuem *Maisons*, bem como com suas peculiaridades de organização e relativa autonomia, que se dinamiza ao longo da história da CIUP. Sua proposta contemporânea atualiza os ideais que a originaram nos anos 20 e objetiva favorecer o desenvolvimento da circulação internacional a partir do oferecimento da estrutura habitacional necessária “integrada” à cidade de Paris, como proposta para o desenvolvimento individual de cada residente. Como projeto coletivo, a perspectiva de integração ocorre a partir do convívio de estudantes de diversas nações e regiões. Isto se expressa nas atuais 40 residências que a compõem e materializam a representação da diversidade-mundo, através da *brassage* (intercâmbio de estudantes entre diferentes casas na CIUP) e através da proposta de espaços coletivos a serem partilhados por todos os seus habitantes, como a *Maison Internationale* que possui biblioteca, teatro, restaurante universitário, agências bancárias e demais serviços para acolhida dos estudantes.

³ É nesta perspectiva que são também criados os Colégios Maiores da Universidad Complutense de Madrid. No que tange as relações educacionais com o Brasil é inaugurada em 1962 o Colégio Casa do Brasil, num contexto similar a criação da *Maison du Brésil* na CIUP. Fonte <http://www.casadobrasil.org/Historia-br.html> consultado em 31 de maio de 2010. Lasso de Vega (1948: 499) analisa os *Colégios Mayores* como *locus* de formação das elites dirigentes da Espanha, que possuem uma função nacional de formação dos governantes.

Uma das características da CIUP como território de circulação internacional é a interlocução entre os modos de ser do outro estrangeiro (compatíveis) nas respectivas *Maisons* com a ênfase da “nação” francesa em sua dimensão espacial pública. Essa composição da dialogia público/privado que ocorre nos espaços coletivos da CIUP, também pode ser perceptível em cada uma das residências, onde a ocorrência da circulação internacional é mediada pelo peso do nacional, expresso nas relações sociais e redes, interfaces e circularidades, que por sua vez, remetem aos dilemas do multiculturalismo que articula de forma desigual a questão cultural e convive com dificuldade com a diferença. Percebo a preponderância da nação francesa (espaço/território) de situação da CIUP. Ela passa a ocupar a dimensão de um universal frente aos demais “particulares” nacionais (locais) presentes, neste cenário discursado como multicultural.

Todorov (2008: 266), ao analisar as relações entre comunidades no interior dos estados no mundo pós-moderno, desenvolve a noção de cosmopolitismo (também chamada “à torto” de multiculturalismo). Para o autor, a ideia de uma Europa cosmopolita é complementar a uma Europa das nações, uma pressupondo a outra e conferindo-lhe moldura. Anteriormente, Mauss (1969: 629), ao analisar o significado do termo cosmopolitismo o relaciona a um conjunto de ideias e de fatos que levam a destruição ou a negação da nação, reservando para o termo internacionalismo (contrário ao cosmopolitismo) uma dimensão que reforça a dimensão nacional e, conseqüentemente, a ela o submete. Walton (2010: 3) que estuda as relações entre internacionalismo, nacionalismo e estudos no exterior menciona o conceito de internacionalismo cultural.

A CIUP se configura como um dos lócus da cultura internacional na Europa, conjugando elementos de afirmação do nacionalismo com a ideia de internacionalismo, que caracteriza o internacionalismo, ao apresentar fins pedagógicos a serviço da formação individual dos sujeitos que lá residem. Ela se constitui no território em que se produzem estes vínculos/relações duplas, ditas desterritorializadas⁴, entre as nações dos estudantes (representado pelas Casas do seu lugar de origem) e os espaços coletivos

⁴ Para Abelés a desterritorialização se relaciona com a circulação internacional de pessoas, idéias, significados, mercadorias e pode ser entendida em um largo espectro teórico e metodológico que se propõe a analisar desde as complexas questões concernentes à vida dos imigrantes até o entendimento dos deslocamentos temporários propiciados pelo turismo (Abelés, 2008: 203).

onde ocorre a publicização do nacionalismo francês, enquanto padrão comportamental prescrito.

Maison du Brésil

Os primeiros documentos que mencionam o projeto da construção da *Maison du Brésil* são da década de 1930. Porém os trâmites legais que a possibilitaram datam da década de 1950. A obra foi realizada em três anos com recursos do Ministério da Educação do Brasil, via rubrica da CAPES e sua inauguração ocorreu em 1959 durante o governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira. Neste momento o Brasil vivia um período de crescimento econômico, caracterizado pela historiografia como o “nacional desenvolvimentismo”. O governo brasileiro, ao patrocinar a construção da *Maison du Brésil* em Paris a partir de um acordo com a Universidade de Paris (a qual está circunscrita a CIUP), apostou na necessidade de disponibilizar uma estrutura habitacional para seus pesquisadores, visando a internacionalização educacional de suas elites:

O Brasil viverá, na década de 1950, dois processos fundamentais, ambos com grande repercussão sobre o encaminhamento das questões educacionais: um processo de redemocratização, com o fim da ditadura Vargas, e um processo de desenvolvimento comandado pela chamada segunda industrialização. É dessa época a percepção do país como dois Brasis, um arcaico, tradicional, e outro moderno, e a crença em que o desenvolvimento de sua porção moderna levaria à superação de suas contradições, fazendo-o, finalmente, dar o tão esperado salto para o futuro, ingressando no rol dos países-reitores, para usar uma expressão de Darcy Ribeiro. (Consorte, 1997: 6).

Frente a este cenário educacional, que embasa a construção de um monumento modernista em Paris, minha hipótese é que desde o princípio de sua concepção a *Maison du Brésil* foi pensada para se constituir em um patrimônio brasileiro na França. Uma imagem de um novo Brasil que surgia com o processo de industrialização e desenvolvimento capitaneado por JK. A visão de um Brasil moderno a ser mostrado no exterior igualmente se percebe na aceitação de Lúcio Costa de fazer o esboço do projeto do prédio, num momento em que o mesmo já era reconhecido como uma expressão da arquitetura modernista no Brasil. Em uma carta enviada ao então presidente do SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico Nacional) ele tece comentários sobre as feições do projeto da Casa do *Brail* em Paris, ressaltando sua real necessidade e a morosidade de sua construção:

Mando-lhe aqui para ser encaminhado ao nosso ministro, o anteprojeto elaborado após a última reunião da UNESCO quando me comprometi com o Dr. Péricles de fazer o que fosse possível a fim de deixar a coisa encaminhada antes de partir, pois conforme me disse não se deveria perder a oportunidade, já tantas vezes gorada, de construir finalmente em Paris a Casa do Estudante Brasileiro, ou a Casa do Brasil, porque “pavilhão”, além de antipático me parece impróprio.

E tive acidentalmente confirmação dessa necessidade. Na estação de metrô em Paris, quando me dirigia à reitoria, percebi duas mocinhas de aparência modestíssima e inadequadamente agasalhadas para o tempo que fazia, falando o nosso português. Indaguei se moravam ali mesmo; elas disseram que não havia lugar, moravam num “hotel” – sabe lá como – e se foram na tarde fria em direção ao pavoroso edifício internacional, sem saber que eu levava comigo estes riscos destinados à casa delas. Eram de Minas Gerais. (Costa, 1995: 230)

Clóvis Salgado, ministro da educação de JK, durante a inauguração da *Maison du Brésil* em 1959 ressaltava os interesses culturais envolvidos no intercâmbio intelectual França/Brasil a serem propiciados pela *Maison du Brésil* e a imagem modernista escolhida para representar o país em Paris. Uma residência temporária, de alta qualidade construída para pesquisadores e artistas brasileiros que apresenta dimensões de exibição identitária nacional, conjugada aos objetivos e interesses do internacionalismo cultural da própria CIUP:

Destinando-se a servir o intercâmbio intelectual, o pavilhão do Brasil é ele próprio o resultado de uma colaboração internacional. Confiando a Le Corbusier o risco original de Lucio Costa, o Governo do Brasil quis prestar merecida homenagem ao inspirador da moderna arquitetura brasileira (...). A inauguração da “Casa do Brasil” é tanto mais significativa quando coincide com uma notável extensão dos contactos culturais entre os nossos dois países. Por certo a identidade espiritual entre brasileiros e franceses não é nem um produto político nem uma fórmula diplomática, nem uma ligação ocasional de interesses do momento. É uma realidade de dois povos, do povo francês que de nós se aproximou desde a época antiga das descobertas, do povo brasileiro que compreendeu e amou a França e o seu espírito desde que teve consciência do seu destino (Discursos *Maison du Brésil*, 1959: 10).

Para Gellner (1989: 60) a nação apresenta como exigência uma alta cultura comum, forjada através de um processo designado como exo-educação. É a educação que confere a nação um sentido de universalidade e propicia a homogeneização de seus membros. Como corolário é a mesma educação nacional que produz o nacionalismo. É a nação que ensina e reforça a nação, mesmo fora de seus limites geográficos, como no caso da *Maison du Brésil* e de outras casas ditas nacionais que fazem parte da CIUP.

Desde sua fundação a *Maison du Brésil* esteve ligada ao Ministério da Educação. A partir do Decreto 56.728 de 18/08/1965 a residência passa a ser vinculada ao

Ministério das Relações Exteriores e seu diretor é regulamentado como agente de missão oficial do Brasil na França, com orçamento anual de 63.800 US. Na década de 1970 o estatuto da *Maison du Brésil* foi modificado. Sua doação ao governo brasileiro é alterada através da nova composição do Conselho de Administração da Casa. É criada a *Comission de la Fondation Franco-Bresiliénne* para supervisionar as atividades do Conselho de Administração e do diretor da casa, com o objetivo de “melhor” ordenar a cooperação entre os dois países. A *Maison du Brésil* passa a se chamar *Fondation Franco-Bresiliénne* (Salim, 2004: 2).

A residência abrigou durante a Ditadura Militar exilados políticos e, em 1968, a *Maison du Brésil* foi ocupada e utilizada como local de protestos (Rotmann, 2008: 22). Apesar das alterações que resultaram na restrição de autonomia brasileira e sua administração (os novos diretores franceses passam a ser indicados pelo Conselho de Administração), a subvenção anual do governo brasileiro é mantida até 1981. Sua supressão em 1982 foi alvo de protestos e da organização dos residentes junto às autoridades brasileiras. Entre 1982 e 1995 passa a ocorrer certo desvirtuamento da *Maison du Brésil* como residência universitária. Começam a ser recebidos muitos passageiros (hóspedes temporários), praticando valores superiores aos cobrados aos estudantes/pesquisadores (que tiveram igualmente tarifas reajustadas). Em 1985 quando o prédio da *Maison du Brésil* é inscrito como patrimônio histórico francês, este já apresentava indícios de deterioração, problemas de segurança e insalubridade.

Ao longo de sua história o patrimônio *Maison du Brésil* sofreu o desgaste da falta de manutenção, culminando com a sucessiva deterioração de aposentos e mobiliário. Entre 1993 e 1995 o cargo de diretor da Casa do Brasil ficou vago, pois seu apartamento não apresentava condições para habitação. Após três anos de vacância do cargo de diretor e de 30 anos de gestão francesa, em 1996, a direção passa a ser ocupada por uma arquiteta brasileira que assume a *Maison du Brésil*, tendo a difícil missão de buscar uma aproximação com o governo brasileiro a fim de conseguir os recursos necessários à sua restauração.

O empenho neste trabalho resultou no fechamento da casa entre 1997 e 2000, para sua reconstrução, com a modificação nos seus estatutos, propiciando a retomada de sua autonomia. Isto se deu após apresentação da disposição do MEC de repassar dois milhões de dólares para a reconstrução da *Maison du Brésil*, desde que fossem alterados os estatutos vigentes do Conselho de Administração da Casa. O MEC, através do

Itamaraty, opunha-se, assim, formalmente à proposta de recuperação da Fondation Franco-Brésilienne apresentada ao Conselho Administrativo da Casa do Brasil que condicionava sua reforma a modificar o ato de doação para anexá-la a *Fondation Nationale*, o que implicaria na perda definitiva do seu caráter nacional. Com a aceitação por parte da CIUP destas condições, a *Maison du Brésil* foi fechada para ser reconstruída, sendo reaberta em 2000 e re-inaugurada em 2002 por Ruth Cardoso.

Sua história durante os últimos 14 anos se caracterizou por um modelo de administração voltado à sua reabilitação e viabilidade financeira baseada no acolhimento prioritário de bolsistas do governo brasileiro, uma vez que CAPES e CNPq financiaram boa parte de sua reconstrução. Também se caracterizou por seu planejamento e consolidação como espaço público de visitação (museu com visitas guiadas), o que acarretou impacto na vida de seus moradores. Em julho de 2009 a *Maison du Brésil* comemorou 50 anos de inauguração com uma grande festa e produção de um vídeo. Em 2010 foi alvo de um trabalho de transformação em fundação de direito público (juntamente com algumas outras casas da CIUP), cuja implantação não foi chancelada pelo governo brasileiro. Conforme Brum (2014: 51), a gestão de Inez Machado Salin terminou em dezembro de 2012. Tal administração foi responsável pela reforma da casa, seu perfil de patrimônio cultural franco-brasileiro e modelo de gestão de defesa do caráter nacional brasileiro da casa e de sua preservação.⁵

Cotidianos, memórias e identidades dos moradores da *Maison du Brésil*

Habitar a *Maison du Brésil* é fruto de um conjunto de circunstâncias que articulam a viagem de estudos à Paris para doutorado ou pós-doutorado com a concessão de uma bolsa de estudos do governo brasileiro e, a existência de disponibilidade de vagas na casa. O prédio de 5 andares possui 100 apartamentos e capacidade de abrigar em torno de 125 pessoas, pois parte dos apartamentos são para casais. Os quartos individuais possuem 16m², incluindo ducha, balcon (uma pequena sacada) e, alguns possuem também WC. Os apartamentos duplos possuem 28m² ou 36m² e se diferenciam dos anteriores por estarem equipados com uma com table chauffant, exaustor e geladeira, permitindo a preparação de comidas rápidas no próprio apartamento. Cada um dos 5 andares possui dois Wcs e uma cozinha coletiva.

⁵ Atualmente a direção da casa está a cargo de Monica David, segundo Brum (2014: 48)

O residir na *Maison du Brésil* é perpassado pelas relações entre os espaços coletivos e individuais, que se caracterizam por fronteiras movediças que fazem comunicar o universo público e privado da vida dos residentes e da própria residência, enquanto museu, bem como suas relações estabelecidas com a CIUP, em termos de normas, práticas administrativas e atividades culturais. A própria inscrição na *Maison du Brésil* articula estes conceitos e entrelaça estes universos.

Há um link da *Maison du Brésil* no site da CAPES, que por sua vez remete ao site da CIUP para que o candidato faça sua inscrição. Além disso, o processo é também perpassado por outros elementos como a indicação de colegas de pós-graduação e mesmo pelos orientadores de doutorado que tiveram contato com a casa ao longo de suas trajetórias de circulação intelectual entre o Brasil e a França. Há uma rede de informações que remete a *Maison du Brésil* como um lugar privilegiado para se habitar em Paris, invariavelmente acompanhado da ressalva sobre a questão linguística que remete ao não aprendizado do francês, característico de um território em Paris habitado preponderantemente por brasileiros, como a fala de Mauro (sociólogo, 2011) de: "desaconselhar as pessoas de residirem na *Maison du Brésil*" e percepções heterogêneas recebidas através da lista APEB:6

Oi crianças

vou direto ao ponto para facilitar a vida de quem ainda não está em Paris e precisa resolver o maior problema daqui. a savoir: onde morar (logement)

1- a Maison do Brasil não existe! não é nenhum exagero chamar - mesmo que malvadamente - a mesma de Maison da CAPES!

Por que? pois foi a CAPES que, após pagar parte da dívida da Maison du Bresil, simplesmente monopolizou as vagas; nada menos que isso!

2 - as 'noticias' que pairam sobre abuso de poder, arrogância e outras baixarias mais... não são apenas 'rumores' morei 3 anos na cité (em outras maisons) e conheci gente que tentou mudar os 'esqueminhas' da *Maison du Brésil* ... humm ... Sem sucesso!

3 - o processo de pedido de moradia na cité U. (até 2009) pelo menos, era o seguinte: inscrição pela Internet seu dossier é enviado a Maison de seu pais tem-se (ou nao) a resposta depois de 'algum' tempo. ou seja, se vc NAO é bolsista da CAPES (que são aliás..estudantes que devido ao valor de suas bolsas.. os que menos precisam) recebera, com sorte, um NAO da Maison da Capes! sad but true! (mensagem recebida por e-mail em 18 de junho de 2010)

Olá, faz quase um ano que moro na cité (na verdade morei apenas 15 dias na *Maison du Brésil* e depois me mandaram para a Maison d'Argentine, em brassage) e posso

⁶APEB-FR (Associação de Pesquisadores Brasileiros na França) é uma associação que há 30 anos congrega pesquisadores na França, promovendo e apoiando atividades culturais e acadêmicas, tais como o *Cycle APEB* e o extinto Domingo de Sol. A APEB possui uma lista, sem mediação, em que circulam informações sobre os mais variados assuntos. Por uma questão de proteção da privacidade dos atores envolvidos suprimi seus nomes e demais referências.

dizer que é muito bom! as vantagens são muitas, como localização e preço, mas acho q o mais importante é chegar em paris e poder contar com toda uma estrutura de acolhimento e de pessoas dispostas a te ajudar. eu tb acho difícil se sentir sozinho aqui. normalmente fazemos amigos rapidamente. isso é muito importante, sobretudo nos primeiros meses. claro, existem algumas dificuldades: como se tratam de residências universitárias, existem muitas regras (como ter q pagar para receber visitas, tempo limitado para isso tb, não poder fumar no quarto) e os inconvenientes básicos de dividir cozinha e banheiro com um monte de gente. ah, e se vc ficar na Maison do brasil tem o inconveniente de falar português o tempo todo..o que, na minha opinião, atrapalha um pouco o aprendizado do francês. mas no geral eu diria q é ótimo! ;) abraço e boa sorte.

A admissão na *Maison du Brésil* é comunicada por e-mail e precedida do envio do pagamento de uma taxa de inscrição e o adiantamento da primeira parcela do aluguel. Ao chegar o residente assina o contrato com a casa pelo período correspondente a sua estada, atestando o estado de conservação de seu apartamento. O pagamento da primeira parcela fica retido a título de caução que é devolvida por ocasião da aprovação da vistoria realizada na desocupação do quarto, para surpresa dos residentes que desconhecem esta exigência.

A chegada na casa é narrada e sentida coletivamente no calor das cozinhas que se constituem em espaços, sobretudo noturnos, de sociabilidade. O peso das malas, os transtornos com o RER ou o preço pago pelo taxi, os desatinos dos recém chegados com a língua e, finalmente, a experiência de encontrar a colorida Maison no cenário cinza do inverno parisiense adquire contornos idílicos. A viagem de avião (a primeira viagem de alguns) é também partilhada entre rostos sulcados pelo sono de fusos horários ainda sem resolução e a agitação de ter de enviar com urgência os documentos exigidos pelas agências de fomento para a implementação do pagamento das primeiras parcelas da bolsa de estudo.

Na primeira semana há muito a ser resolvido. O que comer, como se comunicar (o francês com que os pesquisadores saem do Brasil é significado como insuficiente), abrir conta bancária, fazer seguro saúde, comprar um passe de transporte, copiar documentos em formato *pdf* e preencher os dados do site, enviar as passagens aéreas e conseguir uma carta atualizada com o orientador francês, ter o atestado de residência para abertura de conta, encaminhar a solicitação do *titre de séjour* e, começar a pensar em pedir auxílio CAF ao governo francês – que se torna um complemento de mais ou menos 100 euros na renda mensal dos pesquisadores. Este período inicial é vivido com ansiedade e apreensão correspondentes a necessidade de adaptação a um novo universo. Mesmo

coisas simples como solicitar cópia da documentação em scanner adquire contornos inimagináveis para alguns.

Dar-se conta das limitações linguísticas, da relação corporal e emocional a ser estabelecida com o novo espaço exige novos hábitos, como a formatação de uma nova postura corporal no conjunto de um processo educacional de amplas dimensões que envolvem um aprendizado constante e que é amplamente sinalizado pela casa, tanto em espaços individuais como coletivos, através de cartazes e nas explicações recebidas informalmente ou por escrito por ocasião da admissão dos residentes. O processo educacional a que me refiro pode ser melhor compreendido e exemplificado a partir da significação por parte dos pesquisadores que habitam a *Maison du Brésil* da necessidade do aprendizado da língua como forma de inserção no mundo francês.

Mas, a expressão do reconhecimento desse aprendizado necessário encobre uma percepção inconsciente da configuração de um novo *ethos* que para além de uma correta utilização da língua envolve um aprendizado cultural para se viver na França. Este processo abrange os novos cuidados alimentares e de higiene, formas de polidez e civilidade, etiquetas acadêmicas, entonação da voz e aspectos como a correta utilização dos WCs, por exemplo.

O contato inicial com a França pelos residentes da *Maison du Brésil* é perpassado pelo embate entre uma dita cultura burocrática dos brasileiros e o mundo burocrático de Paris que é significado por um conjunto de estranhamentos e, muitas vezes de revolta. Individualmente cada residente dialoga de uma maneira particular com estas dificuldades iniciais e as transpõe, mas elas permanecem como lembrança dos primeiros momentos vividos na França e na própria casa.

A distância do Brasil, um certo desenraizamento e uma necessária re-organização do universo material e simbólico começa a se processar. Um novo mundo se alicerça a partir do cenário imponente da CIUP e da casa que passa a servir de lugar habitacional e suporte emocional para o *séjour* na França. Algumas vezes uma espécie de rito de iniciação ocorre. As nuances mais ou menos coletivas deste momento dependem da inserção inicial do residente nas relações interpessoais que se processam em cada um dos andares.

A dimensão coletiva do rito de iniciação se dá através adoção do residente por outro ou por sua introdução em um grupo que passa a o acompanhar e auxiliar sua inserção no mundo francês. O estabelecimento destes laços sociais de solidariedade que

se instauram marca sua estada, converte-se em laços de afetividade e se reverte em parentesco simbólico. Os grupos se auto designam como famílias, reproduzindo e criando situações de estabilidade coletiva tais que adentram o mundo privado de cada um com vistas a sua reconfiguração na Maison. As pessoas se encontram para jantar (diferentemente das festas), fazem também passeios e viagens em pequenos grupos.

A compra de objetos que permite a adaptação ao espaço e sua personalização se inscrevem também no sentido de uma demarcação territorial de cada um dentro da casa que não se cinge obrigatoriamente ao quarto e que por vezes envolve espaços coletivos como as cozinhas e a cafeteria. Para além da necessidade de se adquirirem taças de vinho ou tapetes estão o desejo de privatizar (o meu quarto), de personalizá-lo, de converter o espaço padronizado em um mundo privado em que as lembranças da vida no Brasil se comunicam com o novo eu que a experiência educacional vivida na França está forjando. Neste sentido é possível afirmar que os quartos na *Maison du Brésil* são ao mesmo tempo iguais e diferentes.

Para além de um hotel que lembra o Brasil a casa a cada dia passa a adquirir dimensões privadas na vida de quem a habita, a tal ponto que os quartos desocupados passam a ser nomeados pelos habitantes que lá permanecem pelo nome do residente que o habitou durante seu *séjour* e não por seu número, até que algum novo habitante realmente o marque. Neste processo de personalização há todo um embate entre a política patrimonial da administração da casa que expressamente proíbe pendurar ou colar quadros nas paredes ou pintá-las, possuir eletrodomésticos nos quartos e o desejo de individualização.

O monumento *Maison du Brésil*, em suas interdições, é percebido como um entrave para a vida privada e a sociabilidade dos residentes, gerando reclamações e invariáveis atritos com a direção. Fabre (2002: 22) define o monumento como fato paradoxal que aprisiona a história ao selecionar os ancestrais a serem celebrados através de uma construção nacional. Para Gonçalves (2007: 240) a relação entre os agentes que compõem o campo do patrimônio se caracteriza pelo controle quase exclusivo do estado em relação a outras agências. Um prédio tombado como "patrimônio cultural" existe quando se limita ou inibe suas condições de mercadoria. Não pode ser vendido ou não pode sofrer alterações (244).

Na *Maison du Brésil* sua territorialização se inscreve nesta perspectiva. As proibições de fazer churrasco no chão do pátio da casa, por exemplo, são significadas

pelos residentes como intervenção na sua vida privada e não como proteção ao monumento modernista tornado patrimônio. A *Maison du Brésil* é mais percebida e desejada como espaço de moradia do que de visitação e, quando seus visitantes, numa perspectiva inversa, solicitam conhecer os quartos dos residentes estas intromissões são significadas como exotização da vida estudantil na França e incomodam mesmo em se tratando de ex-residentes (fato muito usual) que desejam voltar a seus antigos aposentos.

A constatação das dificuldades da relação com o patrimônio *Maison du Brésil* é relativa ao lugar de memória (Bensa e Fabre, 2001), em que a *Maison du Brésil* se configura, as marcas que deixa. Mas quer nas experiências de comemoração (Ricoeur, 1998), desejo de rever a casa ou mesmo de rechaço (Habermas, 1990) de não voltar a *Maison du Brésil*, estando em Paris, o que é ressaltado são os amigos, as dificuldades com a direção, e não o museu, o quarto testemunho. Este argumento é parte importante para se compreender as relações que lá se estabelecem e suas dicotomias: o Museu *Maison du Brésil* (espaço público) interessa a direção e a vida (privada) na casa aos residentes e seu universo. As fronteiras entre estes dois mundos são objetos de negociação constante e de disputa.

Na *Maison* os quartos correspondem ao mundo privado, mas adquire sentidos que exacerbam suas funções usuais, pois é mais do que o lugar para o sono. Ao longo da estada o espaço privado ocupado por cada residente sofre um amplo processo de pessoalização. Taças e talheres são adquiridos, enfeites, varais para secar roupas, jogos americanos para mesa, incensos e flores, cafeteiras e garrafas elétricas para aquecer água (embora sejam proibidas), televisores e até micro ondas em alguns casos. O espaço das prateleiras laterais, antes vazio, começa a ser tomado por um volume significativo de livros e outros objetos adquiridos.

Com o passar dos meses de estágio em Paris, uma ampla transformação na vida dos pesquisadores se percebe. A adaptação ao novo cenário internacional de pós-graduação dialoga com as mudanças ocorridas no universo privado. Viver esses momentos significa adentrar no mundo privado de cada um, comunicando experiências em Paris, o trajeto percorrido, as dificuldades, conquistas e planos futuros expressos em suas histórias de vida. Laços sociais que se instauram inaugurando proximidades, enlaces e alianças que perduram muitas vezes para além dos períodos de residência comum.

A diversidade dos encontros e o convívio entre pesquisadores na *Maison du Brésil* corresponde a experiências de aprendizado em que diversas formas de parentesco “simbólico” são seladas: (Miller, 2007: 548-550). Nesta perspectiva constitutiva dos sujeitos, as redes construídas durante o período de estada na casa se configuram em um suporte afetivo (de parentesco) partilhado, gerando uma noção de família que se processa de variadas formas, tal como os enlaces temporários profundamente enraizados e envoltos eróticos fugazes que ajudam a “suportar” a distância da família e dos amigos. No dizer de Bandite;

A sexualidade na *Maison du Brésil* com relação às outras casas (que são mais jovens) é intensa. Talvez exista uma aposta na liberação que não vi na outra casa onde morei, lá as pessoas são mais travadas, comportadas. Há um clima de gozo, liberação que é positivo. A busca do prazer na França é intensa. (Bandite, música dezembro de 2010).

A instauração de laços de afetividade passa por questões diversas como afinidades intelectuais, questões regionais da partilha de certos hábitos ou atração. Percebi uma tendência inicial da aproximação de pessoas das mesmas regiões e estados, principalmente das mesmas universidades, mas em contrapartida me deparei com afirmações da obrigatoriedade do convívio comum e de aceitação quase forçada: “- nós não escolhemos viver juntos, mas já que estamos aqui” (Marcus, Pará, 2004).

Sua afirmação remete às relações plurais que os residentes estabelecem com a casa e as significações que esta adquire na narração de suas trajetórias, durante a permanência e após seu retorno. A metáfora do caleidoscópio, neste caso, serve para pensar (Lévi-Strauss: 1996: 241) sobre a combinação de elementos e de pessoas que ocorre na *Maison du Brésil*, no sentido de que, a escolha individual do convívio é até certo ponto aleatória, pré-existente. O inusitado das combinações desses elementos é significado como falta de autonomia e a uma necessária submissão às regras da casa, geradora angústia, percebida também nas alegações da falta de privacidade que levam muitas pessoas a deixá-la logo que se sentem mais seguras com relação à língua e à cidade.

Há um clima de grande oscilação. Euforia nas festas com muita música e descontração, mas por vezes um sentimento de solidão e desconforto no cotidiano que também pode se referir à percepção da transitoriedade da experiência vivida na França, os momentos de escrita da tese e a relação igualmente transitória com os demais

habitantes da casa, de um momento de vida que não retornará. As festas extrapolam a dificuldade deste convívio, em termos das relações de apego e desapego observadas.

O impacto patrimonial da invenção de brasis em Paris

A *Maison du Brésil* se constitui em um lugar em que se recria o Brasil e onde se dialoga frequentemente com seus estereótipos, conforme as falas abaixo:

- A *Maison du Brésil* é importante porque a gente é acolhido, embora não haja imersão na língua. Na França, na universidade eu me sinto um peixe fora d'água. Tenho dificuldade com a língua. Aqui na *Maison du Brésil*, as pessoas te ajudam te dão as coordenadas. (Vera, literatura, Bahia, 2010)

- Eu sou um dos amantes da *Maison du Brésil*, da Cité e do bandeirão. Mas eu acho triste estes estereótipos que são perpetuados. Tem uns índios (uma merda) na porta de entrada da Casa e a gente acaba perpetuando isto. Na Casa da Argentina tem Borges e Cortázar. (Jacó; matemática, Minas Gerais, 2010).

Os depoimentos revelam o reconhecimento de algumas vantagens de morar na *Maison du Brésil* por sua dimensão de porto seguro e a boa estrutura que oferece para habitar na França. As críticas remetem a presença constante do Brasil no universo simbólico de formação internacional dos pesquisadores, conforme analisa Brito (2002: 189) ao estudar as relações entre orientadores franceses e bolsistas brasileiros, na década de 90, na França. Um imaginário ambíguo, pois os brasileiros deixam o país desejosos de desfrutar do cosmopolitismo de uma formação internacional e a percebem como perpassada pelo local (Hannerz, 1990: 253). Este localismo é aqui representado pela questão linguística e pela presença, na porta de entrada da *Maison du Brésil* de dois manequins de índios em madeira de tamanho natural.

A presença dos índios provoca profundas inquietações. Essa imagem do Brasil “oferecida” a visitantes e residentes já na entrada da casa demarca um território povoado também por outros símbolos menos ostensivos, mas igualmente visíveis que remetem ao Brasil como os cartazes dos murais, cores, plantas e placas comemorativas. O contato com os índios em madeira e o seu rechaço remete a uma interpretação negativa desta materialidade por relacioná-la à incivilidade, a irracionalidade. Metaforicamente remete a um Brasil como um país de bárbaros, de índios que necessitam ser civilizados e colonizados pelos franceses, no contexto da CIUP, em contraposição à imagem destacada da Argentina.

Talvez a revolta se relacione a uma percepção da posição colonizadora que a imagem dos índios enseja, pois remete ao Brasil como o país das cores, do futebol do carnaval, da nudez e da preguiça e não da produção intelectual. Neste sentido, os índios são representados como um fardo material para a produção de estereótipos que reificam o Brasil como um exótico por excelência para ser vivido na França e a que se somam uma pluralidade de imagens que povoa Paris como restaurantes de comida brasileira, bares, bailes de forró, lojas de produtos brasileiros, etc.

Os índios suscitam indignação e revolta, remetendo a questões de suma importância, mas até certo ponto ainda sem resposta. O que é o Brasil que a *Maison du Brésil* espelha? O que deseja mostrar como imagem? Um país que se orgulha a tal ponto de sua pluralidade étnica e da vivência da diversidade que a elege como representação preponderante e a expõe na porta de entrada de um patrimônio histórico brasileiro na França? Ou a representação de um exotismo idílico e hedonista?

É inegável que a produção desta representação sobre um Brasil indígena remete a uma dicotomia entre o universo acadêmico e erudito a que pertencem seus habitantes e o mundo natural a que historicamente vem sendo relacionados e generalizados “o índio”. Paradoxalmente o fato de a fala acima caracterizar a presença das esculturas como uma merda ressalta a impossibilidade de ver o outro, de romper com a interpretação do estereótipo e reverter esta representação de sua inferioridade a positividade da diferença, como propõe Babha (1998: 111).

Os índios ensinam ações noturnas veladas, suscitando à realização de ritos de reversão de status. Em uma festa de despedida, uma das manequins foi retirado e levado a Cafeteria por alguns residentes. Lá o índio dançou, foi tocado, adorado pelos presentes e, após, dividido em dois pedaços e jogado num canto, “esquecido” e desprezado. Após algum tempo o Segurança que estava na Recepção foi chamado a abrir a porta de um dos quartos e “o índio” pôde ser recolocado no seu lugar de origem, sem maiores consequências.

A ação havia sido planejada e mencionada, como um forte desejo, o que interpreto como uma maneira de demonstrar desconformidade, mesmo que velada, com a rigidez imposta por sua dimensão patrimonial, mesclada às práticas associadas a um universo adolescente que se projeta na *Maison du Brésil* através do cotidiano de seus habitantes, num rito de reversão de status (Turner, 1974). Furtar o índio e desacomodá-lo, levando-o a habitar mesmo que temporariamente o universo etílico e vivo da Cafeteria, onde se

dança e se extrapolam os limites nas festas de despedida é revelador da utilização de estereótipos enquanto possibilidade de re-organização do universo simbólico para a superação das crises vivenciadas pelos habitantes da *Maison du Brésil* (Brum, 2011: 45). Bourdieu ao analisar a circulação internacional de ideias relaciona o mundo intelectual à dificuldade de gerenciar um conjunto de preconceitos:

On croit souvent que la vie intellectuelle est spontanément internationale. Rien n'est plus faux. La vie intellectuelle est le lieu, comme tous les autres espaces sociaux de nationalismes et de imperialismes, et les intellectuelles véhiculent, presque autant que les autres, des préjugés, des stéréotypes, des idées reçues, des représentations très sommaires, très élémentaires, qui se nourrissent des accidents de la vie quotidienne, des incompréhensions, des malentendus, des blessures (celles par exemple que peut infliger le narcissisme le fait d'être inconnu dans un pays étranger). (Bourdieu, 2006: 3).

Analisado conjuntamente com outros eventos deste universo de intelectuais em formação (a festa com o índio) remete à interpretação do nacional brasileiro e suas regiões, em que percebi a utilização de recursos caricaturais, mesclado a um desejo de autenticidade dessas práticas, tais como na realização de festas de despedida, feijoadas e de alguns churrascos, nos finais de semana, em que se busca reproduzir as características de uma feijoada à brasileira ou de um churrasco à gaúcha e, em que, embora se debata e negue a produção de estereótipos se celebra o Brasil e o Rio Grande do Sul.

Conforme as análises de Fry (1977), Maciel (1996 e 2010) e Fajans (2012) estes rituais alimentares apresentam claras dimensões identitárias. Na *Maison du Brésil* remetem à máxima de que talvez nunca tenhamos nos sentidos tão brasileiros quanto naqueles meses em Paris. A recíproca me parece também verdadeira para a questão regional, por exemplo com relação ao Rio Grande do Sul e ao nordeste no que tange ao forró, sempre presente nas festas da *Maison du Brésil*.

Para Thiesse (1997: 114) ao discutir a questão da exaltação do regional, num contexto de afirmação do nacionalismo na França, o voluntarismo na celebração das tradições procura impor a imagem consensual da comunidade nacional através do culto pacífico da diversidade, que tem por finalidade fornecer às novas gerações uma cultura declarada sadia, mas obsoleta, por oposição a uma modernidade cosmopolita. Ao estudar o gauchismo, Oliven o caracteriza em consonância com nacional brasileiro, como um caso bem sucedido de regionalismo, “em que a continuidade e vigência deste

discurso regionalista indicam que as significações produzidas por ele têm uma forte adequação às representações da identidade gaúcha”. (Oliven, 2006: 90).

A identificação com o nacional brasileiro na *Maison du Brasil*, focalizando as identidades gaúchas não se opõe ao regional, ao contrário, ela é enfatizada a partir da seleção de sinais diacríticos que afirmam e celebram o regional (Brum, 2006: 259), sem que esses se choquem, com o nacional brasileiro. A capacidade de manipulação simbólica na configuração deste território brasileiro em Paris remete a um universo partilhado de códigos que remetem ao Brasil e as suas regiões (como tomar chimarrão e comer tapioca). Mesmo que ocorram em um cenário francês, discursado como cosmopolita, internacionalista e multicultural a seleção de elementos neste processo de formação internacional de estudantes passa por imagens partilhadas do Brasil e sua manipulação que remete ao nacional brasileiro e a vivência da diferença tem como um de seus objetivos suportar as contradições em que se encerram estes processos educacionais.

Talvez o provável fiel da balança possa ser o contato com o outro estrangeiro e seus desdobramentos. Sua presença nas festas é uma constante. Mas, vale ressaltar que ele é também um estrangeiro na França e sua interpretação é plural. Assim, a ritualização vivida extrapola o caráter nacional da feijoada “restrita” para brasileiros, conforme Fajans (2012) e passa a, como símbolo nacional partilhado, a incidir na questão da circulação internacional dos sujeitos em formação num cenário cosmopolita perpassado pela reciprocidade, em que se trocam jantares e festas, se ensinam costumes e músicas: são fatos sociais totais (Mauss, 2003: 209).

Feijoadas, churrascos e outras festas, jantares privados "típicos" indianos, belgas se inscrevem no aprendizado de caracteres nacionais recíprocos em que se instauram laços sociais. Estes eventos são palcos de pertencimento e reconhecimento recíprocos e intercambiáveis de afirmação e identificação, conforme propõe Ricoeur (2007: 260), ao analisar o percurso do auto identificação ao poder de agência individual de seus participantes. Conforme a fala de Anne na mensagem "beijo de Bruxelas":

Bonjour! Bom dia! Comment allez-vous?
Prêts pour le match de cette après-midi?
ben voilà... Rentrée! je suis allée vérifier que toutes les choses que j'aime à Bruxelles étaient bien à leur place... que ça n'avait pas trop changé... Grand Place, Manneken Pis (toujours un piège à touristes), les petites rues médiévales pleines de restaurants à Moules-Frites, les fontaines de chocolat, les gauffres, les glaces, mes bars préférés, mon cinéma favori,... bref tout est là et bien en place... comme chaque

année à cette saison le centre ville est envahi par les hordes de touristes japonais et américains qui achètent des kilos de chocolat et des litres de bières sous un soleil de plomb...

Mais j'avoue que les habitants de la *maison du Brésil* me manquent... cette année c'était super chouette! je ne vous remercierai jamais assez pour tout ces moments: les cours de portugais / français de Paula, Andréia et Marcus; les fêtes et mes premiers pas maladroits, les cours de cuisine de Vania, les feijoada, Mokaka, et autre Bobo (qui était très bon Eliana je te l'assure), les matchs de foot surtout celui de lundi ;-), les discussions sur le balcon,... Bref plein de souvenirs! J'espère que vous profiterez tous bien de cet été qui s'annonce caniculaire (aujourd'hui il va faire entre 29 et 35°C), que ceux que je ne pourrais revoir avant leur départ au Brésil fassent un excellent voyage et pour ceux qui sont rentrés au Brésil, puissent tous vos projets continuer comme vous le souhaitez! Si d'aventure vous êtes intéressés par une visite de Bruxelles cet été faites moi signe! Ca me fera plaisir de vous y accueillir! Je vous embrasse, anne ps1: Si vous avez besoin de correction pour des textes ou des présentation en français envoyez les moi... je peux toujours les corriger ;-)

ps2: je suis sur facebook et sur skype (anne.s.mager)...

Porém, a convivência entre pesquisadoras de diversas nacionalidades também suscita desentendimentos e contradições. Em março de 2010 Claudio, historiador, me relatou um incidente vivenciado em julho de 2008 na *Maison du Brésil* com um grupo de jovens paquistaneses que provocou fortes reações entre os residentes do 4º andar, em virtude da utilização inadequada das cozinhas e WCs. O grupo de 18 rapazes foi alojado em quartos individuais onde foram colocadas duas camas, durante as férias escolares. Permaneceram na *Maison du Brésil* para a realização de um curso de francês de verão.

A indignação iniciou, quando uma das residentes pela manhã foi utilizar o banheiro coletivo do andar e se deparou com fezes e urina fora do vaso sanitário. Horrorizada com a cena e solicitada pela *femme de ménage* do andar ela pediu providências urgentes à direção que a trocou de quarto. Ao longo dos três meses seguintes a cozinha e o banheiro foram evitados pelos residentes brasileiros que permaneceram no andar, alegando a falta de higiene dos paquistaneses que não utilizavam papel descartável, mas garrafas de água para efetuar sua higiene nos banheiros e logo após se dirigiam a cozinha.

Provavelmente o fato tenha ocorrido porque no Paquistão as privadas sejam afixadas diretamente no chão (o chamado banheiro turco). Os banheiros ocidentais, por seu turno, não possibilitam a posição (de cócoras) costumeira para defecar, ocasionando problemas intestinais coletivos. Assim, apesar das represálias, os paquistaneses continuaram a defecar no chão.

O episódio para além da intolerância cultural demonstra o desconhecimento mútuo dos respectivos universos e uma não preocupação educacional ampla para a

ocupação dos espaços coletivos. Demonstra também que os padrões ocidentais de higiene e comportamento são tomados como dados *a priori*. Não há o reconhecimento da diferença, por mais contraditório que pareça para um espaço que se denomina multicultural. Neste sentido, não há por parte da CIUP e das respectivas casas uma preocupação com hábitos não ocidentais em termos de alimentação, práticas de higiene, etc, como por exemplo, no restaurante da *Maison Internationale* que não oferece opções “não ocidentais” de menu.

Rememorar estes acontecimentos ilustra a dificuldade que o convívio com a diferença suscita para os mais diversos atores que partilham a vida na CIUP, em suas respectivas *Maisons* que parece se constituir em um bairro encravado nos limites entre o centro e a periferia parisiense.

Não há culpados na situação mencionada acima, mas o desconhecimento de certos “detalhes” que, significados do ponto de vista cultural, se tornam fundamentais. O convívio em suas dificuldades se configura em uma experiência educacional de largas dimensões, em que se inscreve o aprendizado da língua, novos costumes e regras de etiquetas além, obviamente, de uma educação do corpo, em suma, um processo civilizador, conforme propõe Elias (1982: 300), que relacionado às práticas acima, demonstra oposições entre oriente e ocidente.

Trajetos e memórias

Em outubro de 2003, quando cheguei a Paris para um doutorado sanduíche de sete meses, o primeiro de tantos impactos que me aguardavam numa primeira viagem a Europa foi à visão, na CIUP, de uma residência que diferia largamente das demais (Brum, 2009: 92). A visão da colorida da *Maison du Brésil* me apaziguou! Eu havia percorrido os arrabaldes de Paris até chegar a Maison, em um veículo *airport shuttle* que me apanhou no aeroporto Charles de Gaulle, com atraso.

Minha breve narrativa de uma chegada atribulada de medos iniciais da vida fora do Brasil, da perda de malas e de desentendimentos linguísticos “eu não entendo esse francês” foi recorrente nas falas de várias pessoas que presenciei chegar em 2003 e 2004 do hall envidraçado da *Maison du Brésil*. Chegavam trazendo um conjunto de expectativas e temores expressos em relatos plurais. Narrativas míticas que rememoram

como tudo começou em Paris, a partir da *Maison*, dos novos amigos tornados parentes, dos desacertos com orientadores e problemas nas universidades e laboratórios.

Ao conviver neste universo pleno de significações, um mundo à parte de brasileiros em Paris se descortinou. Naquele momento, as situações vivenciadas me provocaram estranhamento e a estrutura habitacional e emocional necessária para desenvolver o estágio de doutorado. Do ponto de vista de meus estranhamentos nasceu o desejo de tentar analisar a experiência educacional internacional que vivenciei e de outros pesquisadores que lá residiram. Passei a percebê-la como um lugar de memória significado na minha história de vida, (Augé, 2003: 43). Conforme propõe o autor, “Ce Paris-là, ce sont mes ruines à moi, une ouvre d’art hors d’age et qui, pour cette raison, me donne le sentiment qu’elle n’existe que pour moi.” (Augé, 2003: 124), ao analisar as relações pessoalmente estabelecidas com o passado através da visitação e leitura individual de um vestígio.

Em janeiro de 2010, retornei a *Maison du Brésil* para a realização da pesquisa de pós-doutorado *Maison du Brésil: um território brasileiro em Paris*, financiado pela CAPES. O trabalho de campo englobou um conjunto de ações com o objetivo de efetuar uma leitura histórica e antropológica da *Maison du Brésil*, focalizando o cotidiano de seus habitantes. A análise diacrônica se deu a partir da pesquisa da farta documentação (digitalizada e em papel) existente no acervo da *Maison du Brésil*, tais como correspondências oficiais trocadas entre o governo brasileiro e francês, artigos, regulamentos, etc. Nos *Archives Nationaux de la France*, em Fontainebleu, onde se encontra a documentação relativa à 37 das 40 residências que compõem a CIUP, efetuei o levantamento dos dossiês dos ex residentes da *Maison du Brésil*. A construção quantitativa e o mapeamento dos residentes se deu a partir de planilhas informativas da disposição dos apartamentos e perfil dos residentes fornecidas pela administração da *Maison du Brésil*.

O processo de observação participante ocorreu a partir de minha presença em espaços privados e coletivos de sociabilidade (especialmente às cozinhas de cada um dos cinco andares), na lavanderia e cafeteria e em festas (feijoadas, churrascos, queijos e vinhos) e nas ditas “atividades culturais” que ocorrem no teatro, tais como exposições, coquetéis, filmes, recitais, debates e palestras. Também observei visitas guiadas de grupos de visitantes, promovidas pela *Maison du Brésil* em seus espaços públicos (hall e teatro) e na *chambre teimognage*. Acompanhei e fotografei despedidas e os demais

ritos que o viver na Casa implica como os jogos de futebol. Particpei de jantares e almoços, dialoguei com brasileiros e não brasileiros que frequentam a *Maison du Brésil* e realizei entrevistas com seus funcionários, residentes e agentes diplomáticos.

Morando na *Maison du Brésil* forneci e recebi medicamentos, troquei objetos e os comprei, respeitando os códigos de reciprocidade que a casa estabelece. Compartilhei minha cuia de chimarrão, deixei coisas que não estava mais usando na mesa de doações do 5º andar e lá também me abasteci. Partilhei os utensílios coletivos das cozinhas, recebi doações de objetos perpassadas por relações de afetividade das pessoas que retornaram as suas casas. Nestas experiências percebi situações de espontaneidade e troca, dom e contra dom, classificação de pessoas e coisas, construção de hierarquias e a produção de um universo de parentesco simbólico com a produção de redes que (re)significam a noção da comunidade de brasileiros que vivem na *Maison du Brésil*.

A observação participante se tornou desde o princípio um processo de participação observante (Wacquant, 2002: 17). Viver na *Maison du Brésil* foi um desafio diário de relativização de meus objetivos. Fui uma residente em trabalho de campo como tantos outros que lá passaram e estabeleceram um conjunto de laços sociais temporários que fazem suportar e levar a termo um *séjour* de pesquisa em Paris.

O trabalho de campo algumas vezes ultrapassou minhas possibilidades de atuação e entendimento. Silêncios, não-ditos, exclusões veladas, convites ostensivos, dificuldades linguísticas. Uma tentativa de subversão e erotização perpassa os espaços da casa especialmente à noite – a terra do nunca, a ilha da fantasia, conforme foi significado. Tentei escapar sem me esquivar, aceitando o conselho de Lévi-Strauss a Descola (2006) sobre o trabalho de campo entre os *Jivaro*, e “segui o campo” até onde me foi permitido. Em alguns momentos a solidão foi muito intensa. As portas dos quartos individuais ficam fechadas, os corredores vazios durante o dia, com um silêncio quebrado apenas pelos funcionários. À noite a casa se enche de ruídos vindos das cozinhas. Os quartos se abrem, as pessoas circulam, mas mesmo assim paira um peso, misto de saudade com euforia, apego e descontinuidade que marca os dias e que se dissipa aos poucos com o vinho e a fumaça das cozinhas a cada novo encontro, mas retorna diariamente, às vezes acompanhado de uma forte ressaca.

Uma sensação de impotência. Um "peso" que pairava em todos os cantos da casa. Segui o campo ... e como residente me senti parte identificada de um pequeno grupo de pessoas, de pesquisadores brasileiros em Paris, moradores da *Maison du Brésil*,

com limites territoriais cujas falas também expressam percepções de opressão. Da *Maison du Bresil* como um bunker, conforme por Khalo (Sociologia, 2010).

Meu percurso metodológico remete ao impacto do habitar a *Maison du Bresil* e suas decorrências. Residir temporariamente em um lugar que se configura em patrimônio e imagem do Brasil desde sua constituição, onde a comunicação entre a vida privada e a pública é obrigatória teve como decorrência uma sensação intranquilidade. Nas significações observadas junto aos residentes foi impactante a preponderância da representação do cuidado e desejo de preservação do prédio de concepção modernista pela direção, em relação aos habitantes que o animam e que são temporários, cujo fluxo de chegada e saída no lugar é regido pelos calendários acadêmicos francês e brasileiro. Somado a esta "mágoa" encontrei depoimentos que a significam como signo de descontração "- meu club med" (Clarice, arquitetura, 2010) como lugar memória individual e socialmente partilhada entre residentes contemporâneos (Carol, dança, 2012) me relatou que a palavra *maison* deixou para ela de ser simplesmente casa em francês. Passou a significar A Casa do Brasil, lugar de acolhimento, afeto e sociabilidade.

Löfgren (1999) ao estudar o sentido metafísico e existencial de cruzar as fronteiras nacionais em seus locais de entrada e saída refere-se a uma pedagogia multifacetada do espaço que se expressa em relações de ansiedade e desconforto frente ao desconhecido, em que o imigrante não consegue adentrar na casa (Löfgren 1999: 12). A metáfora da casa como nação se materializa e complexifica no cenário da CIUP, pois a *Maison* é significada como território do acolhimento, da integração, não de separação que se expressa na visibilização do nacional em suas vivências rituais e cotidianas, na produção de imagens do Brasil.

À diferença de um retorno para casa da referência de Löfgren, está na significação inversa e correlata de viver na *Maison du Brésil*. A casa é vivida como a nação, o que ocorre por ocasião da circulação entre Brasil e França, tornando a questão da proteção ainda mais significativa. Isto explica a própria ênfase dada a preservação e cuidado da *Maison du Brésil*, na percepção dos agentes e pesquisadores brasileiros e franceses, que remete ao zelo para com um território que é percebido como patrimônio cultural.

A *Maison du Brésil* em Paris é o próprio Brasil que está sendo mostrado, degradado ou cuidado, próspero ou em ruínas, clandestino ou oficial. É a imagem da nação brasileira no exterior, concebida a partir de um projeto intercultural que a abriga e

que dialoga com sua administração. É um lugar privilegiado para se conhecer e inventar brasis no exterior com uma possibilidade de contato íntimo entre brasileiros de várias regiões, inexistente no Brasil. Um lugar habitacional que se torna “cultural” do ponto de vista de políticas patrimoniais oficiais em embate com um lugar cultural brasileiro significado do ponto de vista êmico dos habitantes temporários que o animam. Um patrimônio para celebrar o Brasil ou um Brasil inventado para proteger de Paris?

Referências

- ABÉLÉS, Marc. *Anthropologie de la globalisation*. Paris: Payot & Rivages, 2008.
- ANUAIRE. *Internationale des anciens de la Cité Universitaire de Paris*, 2004.
- AUGÉ, Marc. *Le temps en ruines*. Paris: Galilée, 2003.
- BENSA, Alban e FABRE, Daniel. *Une histoire à soi*. Paris: Maison des Sciences de l’Homme/EHESS, 2001.
- BHABHA, Romi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. "Les conditions sociales de la circulation internationale des idées" in *Regads sociologiques* n.31, juin 2006, p.3-8, 2006.
- BRITO, Ângela Xavier de. "Transformações institucionais e características sociais dos estudantes brasileiros na França" in *Revista brasileira de informação bibliográfica em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro 50 (2): 145-162, 2000.
- BRUM, Ceres Karam. *Esta terra tem dono: representações do passado missioneiro no Rio Grande do Sul*. Santa Maris: EDUFMS, 2006.
- ___ "Maison du Brésil: a brazilian territory in Paris" in *VIBRANT* v6.n1, 2009 p. 91- 122, 2009.
- ___ "Maison du Brésil: a student residence for the brazilian elite in Paris". in *Sociology Study*, v. 1, p. 31-48, 2011.
- ___ *Maison du Brèsil: um território brasileiro em Paris*. Porto Alegre: Evangraf, 2014.
- CONSORTE, J. G. *Culturalismo e educação nos anos 50: O desafio da diversidade* in *Cad. CEDES* vol. 18 n. 43 Campinas Dec. 10p. doi: 10.1590/S0101-32621997000200003, 1997.
- DESCOLA, PAs *lanças do crepúsculo: relações Jivaro na Alta Amazônia*. Cosac Naify, 2006.
- ELIAS, Norbert. *The civilizing process*. Basil Blackwell-Oxford: Oxford, 1982.
- FABRE, Daniel. (Org.) *Domestiquer l'histoire: ethnologie des monuments historiques*. Paris: MSH, 2000.
- FAJANS, Jane. *Brazilian food:race, class and identity in regional cuisines*. New York: Berg, 2012.

- FRY, P. H. "Feijoada e Soul Food". Cadernos de Opinião, São Paulo, v. 4, p. 13-23, 1977.
- GELLNER, Ernest. Nations et nationalisme. Paris: Payot, 1983.
- GONÇALVES, José Reginaldo S. "Os limites do patrimônio" in ECKERT, C et alli. In Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos. Blumenau: Nova Letra, p.239-248, 2007.
- HABERMAS, Jürgen. Écrits politiques. Paris: Champs/ Flammarion, 1990.
- HANNERZ, Ulf. "Locais e cosmopolitas" in FEATHERSTONE, Mike (org.) in Cultura global. Petrópolis: Vozes, p. 251-266, 1990.
- HOBBSBAWN, Eric. Era dos extremos: o breve século XX 1914- 1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KARADY, V. "La migration internationale d'étudiants en Europe, 1890 – 1940". In Actes de la recherche en sciences sociales n 145, déc. P 47-60, 2002.
- LASSO DE VEGA, José Sanchez. "Funcion nacional del Colegio Mayor". In Revista espanhola de pedagogia del Instituto San Jose de Calasane tomo VI n,24: Madrid, p.479-509, 1948.
- LEMOINE, Bertrand. La Cité Internationale Universitaire de Paris. Paris: Éditions Hervas, 1990.
- LEVI-STRAUSS, Claude. Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1996.
- LÖFGREN, Orvar. "Crossing borders. The nationalization of Anxiety." Ethnologia Scandinavica. Vol.29, p.5-27, 1999.
- MACIEL, M. E. "Churrasco à gaúcha". Horizontes Antropológicos, Porto Alegre S, v. Ano 1, n. 4, 1986, p. 34-48, 1996.
- MAISON DU BRÉSIL. Discursos de inauguração. Ministério da Educação e Cultura: Brasília, 1959.
- _____. "Documentação de referência". Arquivos: Paris, 2010.
- MAUSS, Marcel. "Ensaio sobre a dádiva: forma e razão das trocas nas sociedades arcaicas". Sociologia e Antropologia. São Paulo: Kosac-Naify, 2003.
- _____. Ouvres. Paris: Minuit, (tome III), 1969.
- MILLER, Daniel. "What is a relationship? Is a kinship negotiated experience". Ethnos, vol. 72:4, dec.2, p.535-554, Londres, 2007.
- OLIVEN, Ruben. A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Vozes, (2ª edição), 2006.
- ORTIZ, Renato. O próximo e o distante: Japão e modernidade-mundo. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- RICOEUR, Paul. Percurso do reconhecimento. São Paulo: Loyola, 2007.
- _____. Architecture et narrativité. Urbanisme, nov/dec 1998, n° 303, 1998.
- ROTMAN, Patrick. Mai 68: raconté à ceux qui ne l'ont pas vécu. Paris: Seuil, 2008.
- RUEGG, François La maison paysanne: histoire d'un mythe. Paris: Infolio, 2011.

SALIM, Inês Machado. *Maison du Brésil: cronologia de fatos*. Inédito. Digitalizado: Paris, 2004.

THIESSE, Anne-Marie. *Ils apprenaient la France: l'exaltation des régions dans le discours patriotique*. Paris: Maison des sciences de l'homme, 1997.

_____. *A criação das identidades nacionais*. Lisboa: Temas e Debates, 2000.

TODOROV, Tzvetan. *La peur des barbares. Au-delà du choc des civilisations*. Paris: Robert Laffont, 2008.

TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WALTON, Whitney. *Internationalism, national identities and study abroad*. Stanford: Stanford University Press, 2010.

Sites

www.maisondubresil.org

www.ciup.fr

Recebido em: 30/09/2014
Aprovado em: 05/11/2014